

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**NEM TÃO IGUAIS: A OPRESSÃO DO HOMOEROTISMO EM *DUAS IGUAIS*, DE
CÍNTIA MOSCOVICH**

Ana Luiza Nunes Almeida (UFPeI)¹

RESUMO: Este trabalho apresenta um estudo sobre a novela *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, buscando analisar a linguagem usada para abordar o relacionamento homoafetivo e a forma como são construídas as personagens centrais (Clara e Ana); além de contextualizar a narrativa ao contexto social proposto pela autora e à época em que foi criada. Entendendo a necessidade de relacionar a obra literária com o meio social ao qual está inserida, será feita uma análise sociológica da novela, trazendo à discussão o tema central da trama e a dificuldade de expressá-lo a partir da literatura homoerótica.

Em uma perspectiva mais ampla, o objetivo deste trabalho é mostrar a tensão que se percebe em representar as minorias - no caso, os homossexuais - pois há, ainda, uma dificuldade de romper com o tradicional e desmistificar os estereótipos impostos pela sociedade. Entretanto, é almejado evidenciar que a relação homoafetiva apresentada na obra literária analisada se assemelha muito com o que é vivenciado na realidade e, portanto, nada tem de extraordinário ou imoral para que continue sendo omitida pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura homoerótica; preconceito; teoria *queer*; heteronormatividade.

O princípio da isonomia prevê que todos são iguais, independentemente de suas diferenças e que devemos tratar desigualmente os desiguais na medida em que se desigalam, a fim de encontrar a verdadeira lei da igualdade.¹ Trata-se, todavia, de uma perspectiva política que permeia o nosso pensamento e, em função disso, é admissível relacioná-la com outras esferas das relações sociais e humanas. Neste sentido, é possível entender que há várias formas de abranger as diferenças; porém ainda não existem maneiras proporcionais de aceitá-las, fato este, constatado quando abordamos a problemática dos relacionamentos homoafetivos.

As relações entre pessoas do mesmo sexo ainda carregam um preconceito imposto pela sociedade e, por conseguinte, são difíceis de serem exploradas na literatura. Por se tratar de uma minoria sexual, lhe é negada o caráter de natural, pois não se encaixa nos padrões heteronormativos que regem a maioria dos relacionamentos amorosos.

A sexualidade talvez seja uma das mais difíceis representações a ser alijada do poder, porque tão intimamente ligada a ele. De fato, dentro do dispositivo da sexualidade, a sexualidade periférica estabelece arbitrariamente a fronteira do que é considerado normal, natural e saudável. Como consequência, qualquer alteração em sua representação implica necessariamente uma ruptura na ideologia dominante. [...] O resultado é o sofrimento e a exclusão de todos que não se encaixam no modelo hegemônico, estabelecido pela heteronormatividade. (MIRANDA, 2008, p. 209,10)

A invisibilidade conferida ao homoerotismo está presente na produção literária, refletindo a negação que a sociedade atribui ao tema, em função do preconceito ainda existente. A literatura homoerótica, portanto, é preterida pela crítica, pois, corroborando com o pensamento predominante do meio social, ainda tem-se a percepção de que explora uma temática imoral e subversiva. Bourdieu (2002) disserta sobre a dominação imposta aos homossexuais, os quais são colocados à margem da sociedade e assumem, involuntariamente, características estigmatizantes, oprimindo-os ainda mais.

A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e

¹ Ruy Barbosa disse que “a regra da igualdade não consiste senão em tratar desigualmente os desiguais na medida em que se desigalam. Nesta desigualdade social, proporcional e desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. Os mais são desvários da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade os iguais, ou os desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. Os apetites humanos conceberam inverter a norma universal da criação, pretendendo, não dar a cada um, na razão do que vale, mas atribuir os mesmos a todos, como se todos se equivalessem.” (BULOS, 2009, p. 420)

por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor. (BOURDIEU, 2002)

A teoria *queer*, empenhada em articular as múltiplas diferenças nas práticas sociais e com o intuito de explorar as diversas identidades sexuais existentes, postula que o homoerotismo deve ser entendido como um “*fenómeno de la historia humana y no una desviación, ni una degeneración, ni una perversión del outro que nos amenaza.*”² (FOSTER, 2009, p. 56) É evidente, então, em obras literárias, uma crítica às contradições da sociedade quando o assunto é a homossexualidade e a exclusão social que segue, pois a personagem homossexual tem o direito de existir, mas sempre preservando a sua intimidade e tornando-se o mais invisível possível aos olhos da sociedade; porém, se for visível, deve ter um propósito delimitado. Sobre esta questão, Foster nota que:

Una de las contradicciones inherentes a la homofobia tiene que ver con el tema de la visibilidad. Aunque se lamenta la presencia de los “desviados” en la sociedad y a veces se expresa la manera en que serían más tolerables si fueran más invisibles, la práctica homofóbica tiene como propósito fundamental hacerlos visibles, así sea solo para destacarlos en aras de someterlos a la invisibilización de la violencia, aunque dejarlos tullidos para siempre es, indudablemente, colocarles una marca o un señalamiento por el resto de su vida.³ (FOSTER, 2009, p. 22)

A literatura homoerótica denuncia o preconceito, apresentando histórias que não se enquadram na cultura das maiorias, fazendo-nos perceber que as relações homoafetivas ainda são pouco difundidas na literatura e também pouco aceitas na sociedade e, desta forma, há uma imensa dificuldade de expressá-las em quaisquer situações.

Neste contexto, é necessário evidenciar que há uma unidade fictícia a respeito da visibilidade permitida para gays e lésbicas, visto que as narrativas que abordam relacionamentos homoafetivos entre mulheres são construídas com maior densidade e dificuldade, refletindo, portanto, o preconceito mais acentuado que as lésbicas enfrentam na sociedade. Estas

² “fenômeno da história humana e não um desvio, ou degeneração, ou perversão do outro que nos ameaça.” (tradução minha)

³ “Uma das contradições inerentes à homofobia envolve a questão da visibilidade. Embora ela lamente a presença dos “desviados” na sociedade e por vezes expressa a forma que seria mais tolerável se fossem mais invisíveis, a prática homofóbica tem como propósito fundamental torná-los visíveis, mesmo que seja somente para destacá-los a fim de submetê-los à invisibilidade da violência, mesmo que deixe-os marcados pelo resto de suas vidas.” (tradução minha)

percepções acerca das diferenças entre os relacionamentos de gays e lésbicas, atenta-nos ao fato de que, dentro do preconceito, há, ainda, uma subdivisão do preconceito, onde as lésbicas são mais desfavorecidas que os gays. Nesse sentido, Foucault (1988) analisa que, por ter sempre sido permitido aos homens uma maior liberdade sexual, as relações entre si, acabaram também sendo toleradas. Em um texto intitulado *La doble discriminación de las lesbianas*, Beatriz Gimeno disserta sobre a invisibilidade atribuída às mulheres, a qual pode ser notada sobre homo ou heterossexuais.

Desde siempre, entre nosotros mismos, hemos manejado la invisibilidad de las lesbianas como si se tratara de un axioma que bastara por si solo para explicar todas las situaciones en las que una lesbiana podía encontrarse. Se admite que las lesbianas somos en buena medida invisibles, tanto para el mundo heterosexual como para el mundo gay. [...] El hecho de que el lesbianismo fuera, y en buena medida aún sea, algo inimaginable para la sociedad ha permitido que éste pudiera vivirse sin la feroz persecución de los varones con prácticas homosexuales eran objeto. Así las leyes modernas contra la homosexualidad eran por lo general aplicables, y aplicadas, únicamente contra la homosexualidad masculina.⁴ (GIMENO, 2007, p. 20,1)

Deste modo, ao entendermos a literatura homoerótica como uma manifestação cultural, a qual objetiva expressar a relação entre pessoas do mesmo sexo, a partir de uma narrativa construída sob enfoque das questões emocionais, sócias ao erotismo, explorando o desejo sexual em uma perspectiva romântica, de modo que preocupa-se, principalmente, com os sentimentos das personagens envolvidas no relacionamento narrado; partiremos para a análise da novela “Duas Iguais” (2004), de Cíntia Moscovich.

Sob este ponto de vista, percebe-se que a dificuldade de expressar o tema central da trama – o relacionamento homoafetivo das personagens Clara e Ana – pode ser entendida a partir do estudo do contexto social no qual a narrativa está inserida. Evidencia-se, contudo, que o texto literário não deve ser entendido como um documento ou simples reflexo da realidade, mas as conexões com ela não podem ser negligenciadas.

⁴ “Historicamente, entre nós mesmos, temos lidados com a invisibilidade das lésbicas, como se fosse um axioma suficiente por si só para explicar todas as situações em que uma lésbica podia encontrar-se. É certo que as lésbicas são invisíveis tanto para o mundo heterossexual como para o mundo gay. [...] O fato de que o lesbianismo era, e em grande parte ainda é, algo inimaginável para a sociedade permitiu que se vivesse sem a feroz perseguição que os homens com práticas homossexuais estavam sujeitos. As leis modernas contra a homossexualidade eram aplicadas, geralmente, somente contra a homossexualidade masculina.” (tradução minha)

Consequentemente, é importante entender as relações do artista com o meio em que vive e, além disso, perceber as reflexões que a sociedade proporciona na obra literária e vice-versa. Sobre esta questão, Candido entende que:

Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.

Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária, e que pretender definir sem uns e outros a integridade estética da obra é querer, como só o barão de Münchhausen conseguiu, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos. (CANDIDO, 2010, p. 22)

Assim, vale compreender como ocorrem as representações sociais no processo de produção literária, pois “*percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.*” (CANDIDO, 2010, p. 34) Notamos que autor, obra e público exercem uma influência mútua; e, portanto, o escritor, quando constrói a sua narrativa, desempenha um papel social, visto que invoca o fator social “*para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós*” (CANDIDO, 2010, p. 24)

A relação homoafetiva apresentada em “Duas Iguais” chama a atenção em um primeiro momento, mas, em uma leitura mais crítica, é possível perceber que se trata de uma história de amor. Wanessa dos Santos defende esta perspectiva em sua dissertação *Memória e palavra em Cíntia Moscovich*:

As personagens vivem uma história de amor como outra qualquer – idealizada, triste, profunda e visceral como são as histórias de amor da adolescência. Se à primeira vista é o amor homossexual o que diferencia *Duas iguais* de um romance que desenvolve tramas de desencontros entre um homem e uma mulher, basta uma leitura mais aprofundada para encontrar o relato de um tema universal: a impossibilidade de realização configurada na dificuldade do ser humano de vivenciar os seus desejos. (SANTOS, 2010, p. 98)

Percebemos, portanto, que a temática que norteia a novela é o amor, isto é, um tema universal, comum em inúmeras obras literárias. Entretanto, a história narrada por Cíntia Moscovich é complementada por uma relação homoerótica e, por isso, sua narrativa é densa,

pois se baseia na parte emocional, a qual é difícil de ser exposta tanto na ficção quanto na realidade.

A forma como a narrativa progride, faz-nos perceber a dificuldade que a narradora tem de expor a sua história e expressar seus sentimentos. Virgínia Leal analisa a narrativa da seguinte forma:

O discurso de Clara transforma-se de acordo com seus estados emocionais e físicos. Como se trata da rememoração de suas perdas amorosas, devido à morte de seu pai e da renúncia do amor de Ana, o seu discurso é denso, nostálgico e grave. (LEAL, 2007, p. 125)

A linguagem utilizada na novela confirma a percepção que esta não é uma história fácil de ser narrada. Com uma narrativa em 1ª pessoa, Clara expõe sua vida desde a adolescência e o sentimento que tem por Ana; porém, em algumas situações esta não parece ser a sua história e há um distanciamento da narradora – momento em que a narrativa passa para a 3ª pessoa:

Finalmente, os acordes da marcha nupcial trovejaram pela sinagoga. Clara ergueu o queixo, arrumou o buquê entre as mãos. Deu um passo, o primeiro. Os convidados levantaram-se, provocando um pequeno tumulto. (MOSCOVICH, 2004, p. 124)

Ainda neste assunto, Clara escreve sobre Ana (que mora em Paris) de uma forma que faz o leitor questionar se as situações estão acontecendo com a personagem ou se são fruto da imaginação da protagonista:

No momento em que eu te narro, chove em Paris. Sempre opressiva a chuva, e sempre essa inquietação. Um céu triste; tão triste o cinza, pensas. [...] Enches a chaleira com água, acendes um dos queimadores do fogão e, quando os vapores se desprendem em oscilações cor de malva, corres a desligar o fogão e a preparar café. (MOSCOVICH, 2004, p. 85)

Esta análise dos elementos internos do livro serve para ratificar o entendimento inicial do mesmo, no qual enfatizamos que o foco principal desta história é o amor e as dificuldades e inseguranças que a protagonista tem de assumi-lo. Cíntia Moscovich consegue, com maestria, construir uma história de amor fora dos padrões tradicionais “*com elegância moral e artística, irreprochável delicadeza de sentimentos e a nobreza de abordagem no caso indispensável.*” (MARTINS, 2010)

Nesta novela é possível perceber nitidamente a arte da agregação proposta por Candido, através da forma na qual é narrada, pois *“incorpora-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade.”* (CANDIDO, 2010, p. 33) A descrição do ato sexual entre Clara e Ana é mais fácil de ser exposta do que o envolvimento amoroso entre as personagens e, neste momento, nota-se a influência que o meio social exerce sobre a autora e, por conseguinte, na sua obra, pois um envolvimento amoroso entre pessoas do mesmo sexo é mais difícil de ser aceito pela sociedade do que uma simples relação sexual.

Em “Duas Iguais”, a relação homoerótica é vista como impossível, pois vai de encontro aos valores sociais apresentados na narrativa, os quais são reflexos da sociedade da época. O amor que existe entre as duas personagens não pode ser externado ao longo da narrativa, tornando-se, até mesmo, impronunciável.

Tem sido assim desde o princípio: a história dos meus dias, a história da minha vida, cada história que posso contar guarda em si outra história, inenarrável. Um tormento, porque tenho a esperança de que façam sentido as palavras e sentenças que vou justapondo – preto no branco, a trama visível –, mesmo que a mim mesma escapem o nexo da história que conto e o sentido daquela que não posso contar. [...] Eu queria contar uma história de amor. (MOSCOVICH, 2004, p. 11)

A narrativa desenvolvida nesta novela é construída sob tom grave e solene, sem nenhum coloquialismo e, desta forma, apresenta a história melancólica da protagonista Clara e todas as suas perdas amorosas. A dificuldade de conviver com as imposições do pai, a morte do patriarca, a separação e a morte de Ana contribuem para que esta seja uma história difícil de ser contada.

É possível verificar, então, sob uma análise mais profunda, que na obra estudada também há a presença de normas heterossexistas e que os conceitos impostos pela sociedade não permitem que os relacionamentos homossexuais se desenvolvam naturalmente. Em uma sociedade patriarcal, o estudo sobre as minorias é complicado, pois vem marcado por estereótipos e considerações que nem sempre são condizentes com a verdade. Deste modo, o desenvolvimento da narrativa se dá de maneira truncada, dificultando a definição de uma identidade subjetiva às personagens Clara e Ana, visto que as coíbe de suas condições sexuais, impondo uma aproximação aos padrões heteronormativos. A narrativa, pois, reforça as crenças hegemônicas, mantendo à marginalidade o relacionamento homoafetivo.

Para concluir, vale salientar que a literatura homoerótica não difere em temática ou estilo da literatura tradicional, a não ser porque narra relações envolvendo pessoas do mesmo sexo. Faz-nos perceber, então, que nada tem de extraordinário para ser amplamente criticadas pela sociedade em geral. Assim, vale citar Adorno, o qual pensa que “*a grandeza única da obra de arte é deixar falar o que a ideologia esconde*” (apud BOSI, 2010), a fim de refletir a respeito do preconceito à homossexualidade, percebendo que a sociedade ainda impõe conceitos e definições para situações que, na prática, são semelhantes às consideradas “normais”. Os termos que se repetem neste estudo – homoafetividade, homoerotismo, etc – corroboram para a afirmação da heteronormatividade e vão ao encontro do pensamento que iniciou os Estudos Culturais.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Ideologia e Contraideologia: temas e variações. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BULOS, Uadi Lammêgo. Curso de Direito Constitucional. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

FOSTER, David William. Ensayos sobre culturas homoeróticas latinoamericanas. Chih.: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIMENO, Beatriz. La doble discriminación de las lesbianas. In: SIMONIS, Angi. Cultura, homosexualidad y homofobia. Barcelona: Editorial Laertes, 2007.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. A difícil expressão do amor em Duas Iguais, de Cíntia Moscovich. In: DEALTRY, Giovanna (org.). Alguma Prosa: Ensaio sobre Literatura Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. O mapa da morte na literatura homoerótica brasileira contemporânea. In: MIRANDA, Adelaide Calhman de [et al.]. Protocolos Críticos. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.

MOSCOVICH, Cíntia. Duas Iguais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Wanessa Oliveira dos. Memória e palavra em Cíntia Moscovich. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.
Área de Concentração: Literatura Comparada.
E-mail: aluiza.nunes@gmail.com